

BC mantém juro, contraria Lula e não descarta nova elevação

BC mantém juros, rebate Lula e não descarta nova alta diante de incertezas

Copom não cede a pressões nem dá sinais de antecipar corte da taxa, que permanece em 13,75%

Nathalia Garcia

mesmas O Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central não cede à pressão do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para redução dos juros e manteve nesta quarta-feira (22) a taxa básica (Selic) em 13,75% ao ano. Sem adotar um tom mais brando, como esperavam alguns analistas, a autoridade monetária não deu sinais de que pretende antecipar corte de taxa — mantendo até a mensagem sobre a possibilidade de voltar a elevá-la caso o processo de desinflação não transcorra como esperado.

Essa é a quinta vez consecutiva — a segunda desde que Lula tomou posse — que os juros são mantidos no atual patamar o maior desde 2016. No comunicado, o colegiado do BC enfatizou a "deterioração adicional" das expectativas de inflação.

"O Comitê reforça que irá perseverar até que se consolide o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas, que mostrou deterioração adicional, especialmente em prazos mais longos. O Comitê enfatiza que os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados e não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso o processo de desinflação não transcorra como esperado", disse o Copom.

O colegiado voltou a dizer que manterá vigilância, afirmando-se a estratégia de manutenção da taxa básica de juros por período prolongado será capaz de assegurar a convergência da inflação.

Ance incertezas fiscais e de riscos gerados por falhas de Lula e do primeiro escalão do governo — inconstâncias com o alto patamar da Selic e seus efeitos sobre o crescimento da economia brasileira —, as expectativas de inflação dos analistas do mercado para prazos mais longos pioraram.

Segundo o boletim Focus, divulgado pelo BC na última segunda-feira (20), a projeção para o IPCA de 2024 aumentou de 4,2% para 4,1% — já distante do centro da meta (3%). Para 2025, a estimativa dos economistas saiu de 3,6% para 3,2% e, para 2026, saltou de 3,7% para 4,2%.

A decisão de manter a Selic em 13,75% veio em linha com a projeção consensual do mercado de que os juros ficarão inalterados novamente. Levantamento feito pela Bloomberg mostrou que essa era a expectativa unânime entre os analistas consultados.

A autoridade monetária fez um leve eco ao governo dizendo que a recente reorientação dos tributos sobre contas públicas curto prazo.

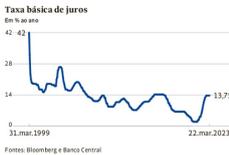
Mas logo na sequência credenciou que, por outro lado, a conjuntura demanda maior atenção, mencionando a volatilidade nos mercados financeiros e a piora nas expectativas de inflação sobre tudo para prazos mais longos.

Outro ponto para o qual o BC chamou atenção é a incerteza sobre a nova regra fiscal e seus impactos sobre as expectativas para atrair a dívida pública, fazendo neste trecho outra sinalização sutil ao evitar a palavra "devida" ao se referir à incerteza. Na terça-feira (21), Lula afirmou que o anúncio do novo fiscal ficará para abril, quando voltar de viagem à China.

Já entre os fatores que pesaram os preços para baixo no balanço de riscos, o colegiado mencionou a possibilidade



O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, juro fixam em 13,75% pela quinta vez consecutiva. Segundo o BC, o Copom não cede a pressões nem dá sinais de antecipar corte da taxa, que permanece em 13,75%.



Fonte: Bloomberg e Banco Central

Quando rendem R\$ 1.000 com a Selic a 13,75% ao ano

Os valores mostram o resultado líquido após o decréscimo do imposto de renda (de 15% para 17,5%), sem considerar a inflação, em R\$

Juro ao ano (em %)	6 meses de depósito	12 meses de depósito	18 meses de depósito
Poupança	6,17	1.030,30	1.061,70
CDB (grande bancário)	11,86	1.050,65	1.107,77
CDB (bancos médios)	15,81	1.060,95	1.130,45
LCA/LCI	12,79	1.062,05	1.127,88
Tesouro Selic*	13,93	1.053,92	1.114,96
Fundo de investimento conservador - DI*	13,75	1.053,23	1.113,44

*Investimentos com incidência de IR sobre o rendimento. As alíquotas variam conforme o período de aplicação, sendo de 15% (36 meses), 17,5% (12 e 18 meses) e 20% (6 meses)

Fonte: Anbima

“A porta [para uma queda dos juros] não está completamente fechada, agora está um pouco aberta, mas bem pouco”

Andra Damico, economista-chefe da Armor Capital



Fonte: Portal Monitor e Inflation Asset Management

Juro real cal, mas Brasil ainda lidera ranking global

País	Em % ao ano
Brasil	6,94
México	6,05
Chile	4,92
Filipinas	2,62
Indonésia	2,45

de uma desaceleração da atividade econômica global mais acentuada, em função de condições adversas no sistema financeiro global, uma desaceleração na concessão doméstica de crédito maior do que seria compatível com o atual estágio do ciclo de política monetária.

Desde o encontro anterior, os temores com uma crise de crédito se intensificaram diante de turbulências provocadas no ambiente internacional pela falência do SVB (Silicon Valley Bank), nos EUA, e pela crise do Credit Suisse, na Europa, em um cenário de desaceleração da economia doméstica na esteira do caso Americanas, aliado com uma política de juros altos.

Andra Damico, economista-chefe da Armor Capital, afirma que o tom adotado pelo BC foi um pouco mais duro do que ela e os analistas do mercado financeiro esperavam, até pela manutenção da hipótese de retomada do ciclo de aperto monetário — trecho que espera que seja retirado na próxima reunião. “O Copom reconhece alguma redução do risco fiscal, mas ele é extremamente enfiado nas expectativas de inflação”, afirma. “Ele inclusive cria um novo risco

de uma desaceleração da atividade econômica global mais acentuada, em função de condições adversas no sistema financeiro global, uma desaceleração na concessão doméstica de crédito maior do que seria compatível com o atual estágio do ciclo de política monetária.

de uma desaceleração da atividade econômica global mais acentuada, em função de condições adversas no sistema financeiro global, uma desaceleração na concessão doméstica de crédito maior do que seria compatível com o atual estágio do ciclo de política monetária.

de uma desaceleração da atividade econômica global mais acentuada, em função de condições adversas no sistema financeiro global, uma desaceleração na concessão doméstica de crédito maior do que seria compatível com o atual estágio do ciclo de política monetária.

de uma desaceleração da atividade econômica global mais acentuada, em função de condições adversas no sistema financeiro global, uma desaceleração na concessão doméstica de crédito maior do que seria compatível com o atual estágio do ciclo de política monetária.

de uma desaceleração da atividade econômica global mais acentuada, em função de condições adversas no sistema financeiro global, uma desaceleração na concessão doméstica de crédito maior do que seria compatível com o atual estágio do ciclo de política monetária.

de uma desaceleração da atividade econômica global mais acentuada, em função de condições adversas no sistema financeiro global, uma desaceleração na concessão doméstica de crédito maior do que seria compatível com o atual estágio do ciclo de política monetária.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 15